



CARTAS PESSOAIS DO SÉCULO XX: TRAÇANDO UM PERFIL SOCIOLINGUÍSTICO

Diana Silva Thomaz(UFRJ)

Diana.thomaz.ufrj@gmail.com

RESUMO: Este trabalho visa traçar o perfil sociolinguístico de cinco missivistas que escrevem ao longo do século XX, utilizando os pressupostos teóricos da sociolinguística histórica (Conde Silvestre, 2007) para a reconstrução da história social. E, com o intuito de esclarecer ainda mais a identidade desses que escrevem, optei pela análise textual, que nos mostraria o grau de proximidade que eles têm com a escrita a partir de suas escolhas de construção textual, além da análise de um fenômeno linguístico que foi a sintaxe de colocação dos pronomes clíticos.

PALAVRAS CHAVE: perfil sociolinguístico; análise textual; colocação pronominal

ABSTRACT: This work aims to trace the sociolinguistic profile of five letter writers who write throughout the 20th century, using the theoretical assumptions of historical sociolinguistics (Conde Silvestre, 2007) for the reconstruction of social history. And, in order to further clarify the identity of those who write, I opted for textual analysis, which would show us the degree of closeness they have with writing from their choices of textual construction, as well as the analysis of a linguistic phenomenon which was the syntactic placement of the clitic pronouns.

KEYWORDS: sociolinguistic profile; textual analysis; pronominal placement

PONTO DE PARTIDA:

O presente trabalho objetiva traçar o perfil social de cinco missivista, atrelando a isso a análise de um fenômeno linguístico. Para que os objetivos fossem alcançados, fiz uma análise textual centrada em critérios textuais específicos - a ser explicitados mais a frente-, que é mais um indício do nível de familiaridade dos missivistas com o texto escrito e, portanto, do grau de letramento de cada um, e outra análise focando em um aspecto linguístico, que foi a colocação pronominal. Esse fenômeno linguístico, provavelmente, indicará se o escritor tem mais ou menos contato com a norma padrão em vigência naquele momento histórico, uma vez que a norma da escrita já tinham se diferenciado da gramática do português do Brasil. Para que essa análise se tornasse possível, os dados foram separados e codificados de acordo com um grupo de fatores



linguísticos e extralinguísticos que foram rodados no programa Goldvarb X (Sankoff, Tagliamonte e Smith, 2005).

Os objetivos que orientaram essa caminhada foi o interesse em (a) construir o perfil social dos missivistas a partir das cartas; (b) identificar por meio da gramática que emerge nas missivas, através da escolha da ordem dos pronomes, o grau de letramento e domínio da norma padrão juntamente com uma análise textual; (c) associar o perfil social dos remetentes aos padrões de colocação pronominal de suas missivas e (d) contrastar o padrão de colocação pronominal do corpo da carta com o da captação da benevolência e despedida para validar a necessidade de traçar considerações a parte no *corpus* carta pessoal e para auxiliar na delimitação do grau de letramento;

A importância deste trabalho se dá na medida em que contribui para os estudos em linguística histórica do português do Brasil ao traçarmos o perfil social de pessoas comuns, por meio de suas rotineiras correspondências pessoais, associando-o a um fenômeno linguístico.

O trabalho está estruturado do seguinte modo: primeiro apresentarei os pressupostos teóricos e metodológicos, espaço em que apresento os entraves metodológicos, abordo o tema do gênero textual utilizado e suas implicações, introduzo brevemente a história dos missivistas e apresento também os critérios de análise textual e os fatores linguísticos e extralinguísticos utilizados na análise do padrão de colocação pronominal. E, em seguida, mostro os resultados das análises textuais e linguísticas.

1. PRESSUPOSTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS:

Utilizarei os pressupostos da sociolinguística histórica (Conde Silvestre, 2007) para que possa fazer a reconstrução do material, a partir dos textos escritos, e a reconstrução do contexto social, a partir do estilo do autor e da história social. Outros textos serão referidos ao longo do trabalho.



1.1 – O *corpus* detalhado e o perfil social dos missivistas

A amostra consiste de cartas pessoais trocadas pelo casal Elsa Cardoso Braga e Washington Frasão Braga, pelos noivos José Rodrigues Bezerra e Norma Lopes de Paiva e enviado pelo missivista Odecio Pereira Teixeira para sua namorada. São 27 cartas, escritas de 1936 a 1980, que ora traduzem o amor e as saudades dos missivistas para o seu par amoroso ora se servem para tratar de negócios de família. Ao total, temos 44 anos de cartas trocadas e, com isso, investigaremos o comportamento dos clíticos ao longo desse tempo e como estão em sintonia com o perfil social.

ELSA E WASHINGTON

As cartas trocadas entre o casal Braga estão dentro do período de 15 de outubro de 1960 a 20 de janeiro de 1980, segunda metade do século XX. Totalizam 6 cartas, sendo 3 para cada missivista. **Elsa Cardoso Braga** é casada com Washington Frasão Braga e juntos têm um casal de filhos, estando um deles, o Wilson, já na Escola Naval e a outra, Ângela, morando em Paris com sua filha, neta de Elsa.

No momento em que escreve as cartas, está em Paris, morando num apartamento com a Ângela e a Gabriela, sua neta, de quem ajuda a cuidar. Lá, têm uma empregada que trabalha praticamente todos os dias, mas também Elsa parece trabalhar para a filha, ajudando-a enquanto não nasce o outro neto.

Ângela tem negócios em sociedade com uma amiga, além de ter alguns imóveis no Brasil. As duas estão tentando investir no Brasil – por meios ilegais - e, para isso, Ângela pede ajuda aos pais. Tanto mãe quanto filha têm certa independência financeira na medida em que têm seu próprio dinheiro e negócios e Washington precisa da autorização da esposa para utilizar o dinheiro guardado, além de receber sua ajuda para pagar as contas da casa.

O missivista do sexo masculino **Washington Frasão Braga** é Almirante da Marinha do Brasil e está frequentemente viajando para o exterior a trabalho. Suas cartas deixam saber de suas viagens a Miami, New York e Washington. Em Washington,



esteve no War College americano com seu círculo de amizades composto por Almirantes e Coronéis. É casado com Elsa e com ela tem filhos. No momento da carta, estão longe um do outro e planejam estar juntos novamente. Quando estava no Brasil, em 1979, sua carta foi enviada de Copacabana, o que mostra que, muito provavelmente, residia nesse local.

As cartas dele versam sobre sua estadia nos lugares pelos quais passa e sobre os trabalhos que faz. Fala sobre uma compra de uma peça para um aparelho doméstico que não conseguiu fazer, de sua chegada ao Galeão, das saudades que tem dos filhos e de sua esposa e de uma ligação que recebeu da Angela, sua filha, para falar de negócios. As cartas da Elsa abordam temas relacionados ao entorno da convivência familiar, a frieza do clima e das pessoas e os negócios com a filha, além de falar sobre o quão grande são suas saudades do Brasil.

NORMA E JOSÉ

As cartas trocadas entre os noivos Norma Lopes de Paiva e José Rodrigues foram escritas entre abril de 1949 e julho de 1950. Ele, **José Rodrigues Bezerra**, no momento de sua primeira carta, reside em Recife enquanto sua família, mãe e irmãs, residem em Condado. Suas cartas não permitem entrever informações sobre o modo como vive, mas está distante por motivos de trabalho. No geral, as cartas são bem curtas e versam sobre sua saudade de Norma e as reclamações que faz por achar que o amor dela não é tão grande quanto o seu. Também dá notícias de sua saúde, de como chegou bem da viagem que fez, fala sobre acontecimentos com irmãos de igreja e pede orações. Pelas missivas, só conseguimos saber que tanto José quanto Norma circulam pelos locais de trabalho e a igreja e, provavelmente, seus círculos de amizades são, em grande parte, provenientes desses lugares.

Ela, **Norma Lopes de Paiva**, vive e trabalha em Goiânia. Suas cartas para José não transmitem muitas informações de como vive e o que faz. De modo geral, ela diz sobre suas saudades e os acontecimentos da igreja, sempre terminando as cartas com um versículo para que José medite. As cartas da missivista costumam ser ainda mais curtas



do que as de seu noivo e tratam dos cultos em que foi, das saudades que sente, das suas ausências nas cartas e da viagem que faria para junto da família de José.

ODÉCIO

As cartas do missivista **Odecio Pereira Teixeira** para sua namorada Yedda estão dentro do período compreendido entre 1936 a 1940. Ele mora em Minas Gerais – algumas cartas são enviadas de Barbacena e outras de Belo Horizonte – enquanto ela parece ser do Rio de Janeiro e ambos revezam as visitas um ao outro. O missivista trabalha na Santa Casa, uma casa de saúde, e faz faculdade de medicina. Foi convidado a fazer parte de uma casa de saúde da qual seria sócio. Diz estudar e trabalhar muito, mas também faz atividades de lazer como ir ao cinema e teatro com certa frequência.

1.2 – Os entraves metodológicos

1.2.1 – A necessidade da utilização de programas específicos para análise de dados

Para o desenvolvimento deste trabalho foi necessário recorrer a programas específicos como *GoldVarb-X*, um programa de análises estatísticas, que foi utilizado para verificar a frequência de próclises, ênclises e mesóclises em contextos linguísticos e extralinguísticos do corpus. Em primeiro lugar, os dados foram codificados a partir do grupo de fatores pré-estabelecido e, em seguida, o programa foi configurado de modo que identificasse as codificações e pudesse, assim, gerar as tabelas de frequência dos dados.

1.2.2 – O gênero textual *carta*, suas implicações para a pesquisa e outras discussões

O trabalho, como já ficou claro até aqui, lida com a diacronia. Mas como estudar a língua do passado quando já não temos mais os falantes da época em estudo? Como



resgatar a história social de uma comunidade linguística e, sobretudo, a língua falada pelas pessoas que compõem essa comunidade? Eis a questão.

Em primeiro lugar, é preciso ficar claro que alcançar a língua falada é, talvez possa dizer, uma impossibilidade porque o trabalho com a diacronia esbarra em dificuldades de diversas ordens, entre elas o fato de que é necessário lidar com os restos dos textos escritos que sobreviveram ao tempo e que nem sempre nos possibilitam a identificação daqueles que os escrevem e o fato de que a escrita muitas vezes conserva por muito tempo aspectos linguísticos que podem já ter caído em desuso ou serem pouco frequentes na fala daquele momento, além de poder ser perpassada por uma norma padrão ou simplesmente “uma forma bonita”/melhor aceita de escrever, o que pode afastar bastante a modalidade escrita da modalidade oral da língua. Dessa maneira, cada trabalho com textos escritos na diacronia representa um recorte da língua dentro de uma comunidade e, quase sempre, cerceado por um gênero textual. Um exemplo disso seria um trabalho que partisse do gênero notícia. As observações sobre o comportamento de um fenômeno linguístico, nesse caso, devem considerar os fatores extralinguísticos que muito fortemente direcionam as mãos que escrevem, como as características do gênero textual, o grau de publicidade, a distância entre escritor e leitor, entre outros fatores. Ou seja, esse seria um caso em que teríamos apenas um recorte de língua que seria representativa e poderia sim indiciar traços da língua vernacular, mas que por si só não poderia ser a representação da língua vernacular.

Para Conde Silvestre (2007), ao falar sobre os registros escrito e oral,

también resulta importante para la sociolingüística histórica vislumbrar que la existencia de diferencias sustanciales, comunicativas o estructurales, no supone que el material lingüístico escrito esté exento de variabilidad. En este sentido, se entiende que ambas (expresión escrita y oral) se encuentran, con sus características particulares, en relación de distribución complementaria y que la variación estructurada se manifiesta en los dos medios de comunicación. [...] El análisis sociolingüístico de estos textos permitiría apreciar su propia variabilidad interna de forma objetiva y demostrar que las elecciones expresivas que realizan sus autores están bien estructuradas u organizadas y se pueden correlacionar con



determinados factores, que constituyen el ámbito de estudio de la sociolingüística (SILVESTRE, 2007, p.44).

No entanto, apesar da validade do texto escrito, nem todo material nos servirá bem para a pesquisa sociolingüística. Citando novamente o autor anterior,

los textos más útiles para el investigador son aquellos que trasladan al medio escrito intercambios comunicativos que han ocurrido o podrían haber ocurrido en el medio oral pues, en principio, este tipo de textos debería manifestar un grado mayor de variación y, por otro lado, facilitar la correlación de las variables lingüísticas con las circunstancias personales de sus emisores y receptores. (SILVESTRE, 2007, p.45)

Pensando nisso, como proceder então? Não há como – e não queremos - fugir dos textos escritos porque são os únicos registros que podemos ter das línguas quando não havia outros recursos como gravadores e mídias que nos deixassem rastros de nosso objeto de estudo. Assim, resta-nos desenterrar a língua que sobrevive por meio das letras. E foi isso que busquei. Mas como este é um trabalho que se pauta na investigação (socio) lingüística histórica, não escavei apenas para observar a língua, todavia para reconstruir também a história social de nossos remetentes, o que nos serve como importante ferramenta de análise dos dados lingüísticos. E, para tanto, foi utilizado o gênero epistolar, que permite observar a língua sendo escrita para manter relações de intimidade – nesse caso, com casais de noivos, namorados e casados.

É importante observar que o gênero em questão nos traz vantagens e desvantagens. Com as cartas pessoais podemos controlar quem são remetentes e destinatários, principalmente se foram pessoas importantes as quais têm documentos guardados em acervos históricos; podemos também ter maior controle dos papéis sociais com a possibilidade de, através do conteúdo das cartas, ter acesso a um pouco da história dos missivistas, além de observar a língua sob menos força das pressões normativas ao termos uma escrita em cuja implicação emocional é relativamente forte e o grau de espontaneidade é alto. Por outro lado, temos que lidar com um gênero textual



que conserva fórmulas fixas e que, se não identificadas, podem mascarar os resultados misturando aquilo que é próprio do gênero estudado com o que faz parte do uso efetivo da língua. A essas estruturas formulaicas chamaremos de Tradições Discursivas (doravante TD), conforme Kabatek (2005).

una TD consiste en moldes normativos convencionalizados que guían la transmisión de un sentido mediante elementos lingüísticos tanto en su producción como en su recepción.[...]no se trata de un sinónimo de “tipo textual”, “género” etc. sino de un concepto más amplio que incluye todo tipo de tradiciones del hablar identificables, también subgéneros o tradiciones dentro del mismo género.(KABATEK,2005, s/n)

Ou seja, não podemos restringir e associar diretamente o conceito de TD ao de gênero, pois o primeiro é de sentido mais amplo. Um gênero pode ser entendido como uma TD, mas nem toda TD será um gênero. Considerar o modelo teórico das Tradições Discursivas é importante para esse trabalho porque queremos saber se dentro das partes constitutivas do gênero carta pessoal – das macroestruturas (MARCOTULIO, 2010)- , como seção de contato inicial, corpo e seção de despedida, há estruturas fixas – microestruturas - que se diferenciam das presentes no corpo da carta e que façam parte, na verdade, de uma tradição do texto. E, para termos um meio de controlar isso, observaremos o comportamento dos clíticos isolando os resultados para o corpo da carta dos encontrados na parte da captação da benevolência e na despedida. Assim sendo, poderemos ter maior precisão em nossa análise.

1.3 – Os critérios e as análises textuais do corpus

Após ter feito o perfil social dos missivistas, ter definido qual seria o fenômeno linguístico a estudar e ter decidido o programa necessário para a execução do trabalho, antes da codificação dos dados, foi necessário fazer uma análise textual das cartas para desenvolver uma escala que ajudasse a definir com maior precisão o grau de letramento

dos nossos escreventes para depois associar com os resultados gerados a partir do estudo da colocação pronominal.

A análise textual nos permite ver o nível de intimidade que o indivíduo tem com a escrita de modo mais amplo. Podemos ver o quão conhecedor o missivista é do gênero textual que optou por escrever e de que modo articula as informações no texto; todavia fazer uma análise textual é ter também que lidar com muita subjetividade, o que poderia ser um entrave para um resultado mais preciso. Desse modo, alguns critérios foram selecionados e utilizados para a análise de todas as cartas; no entanto, há aspectos gramaticais que, apesar de não se enquadrarem nos critérios, foram comentados também por se mostrarem muito interessantes e até serem mais um indício de que o missivista X tem menos familiaridade com a escrita do que o missivista Y.

Os critérios foram

(a) **Formatação e organização tópica**, com os quais foram analisados os aspectos formais do gênero carta pessoal e o como são introduzidos tópicos novos no discurso, que estratégias textuais são escolhidas para isso;

(b) **Mecanismos de coesão (referenciação e sequenciação) e pontuação**, a partir dos quais pudemos identificar o quão conhecedores eram das normas de pontuação, como criavam as cadeias referenciais dentro do texto, se de modo simplório ou mais refinado, e que mecanismos eram utilizados para dar sequência ao texto;

(c) **Marcas da oralidade** – Esse foi o critério mais difícil de definir e nele foram incluídos aspectos como a presença de muitas exclamações e imperativos, início de sentenças com pronomes oblíquos átonos, elementos típicos da fala, como conectores como “aí”, além de falta de concordância verbal por estarmos considerando que pode ser uma influência da fala na escrita;

1.4 – Os fatores selecionados para análise do fenômeno linguístico

Os fatores extralinguísticos selecionados foram Local de ocorrência na carta, Grau de letramento e os fatores linguísticos foram Padrão de colocação pronominal para as formas complexas (cl-V1 V2, V1-cl V2, V1 cl V2 e V1 V2-cl), Posição do pronome

(próclise, ênclise ou mesóclise) e Contexto imediatamente anterior (elemento proclisador, nenhum elemento/início absoluto de oração, nenhum elemento/início de período, elemento não atrator, preposição mais infinitivo).

2. ANÁLISE DOS RESULTADOS

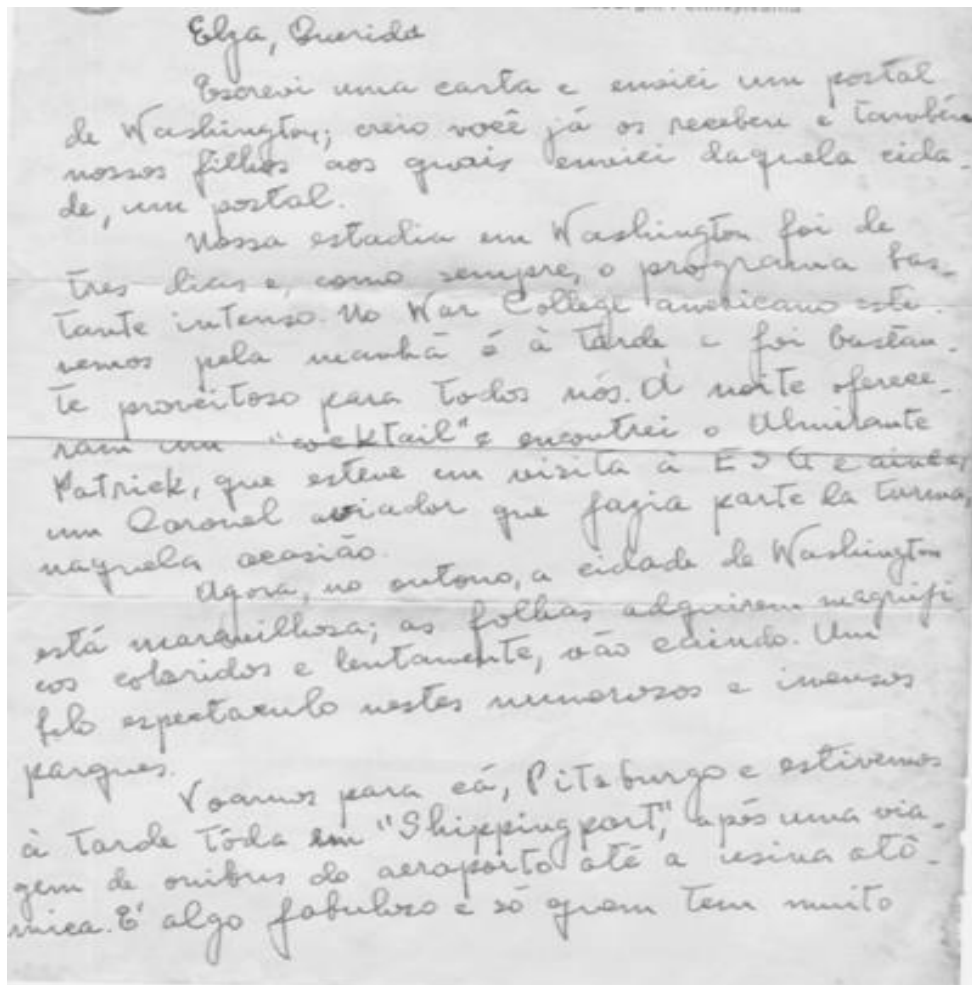
2.1 – Análise (1)

Washington:

- **Formatação e organização tópica:**

Todos os textos do missivista atendem a estrutura geral do gênero carta pessoal, com local e data, vocativo, mensagem, despedida e assinatura. Ao longo das cartas, na maioria das vezes, há um tema central que percorre todo o texto e que é desenvolvido a cada parágrafo, não se caracterizando como uma escrita circular. Em uma das cartas, o missivista mistura dois tópicos num mesmo parágrafo, mas é pouquíssimo frequente e, em outra, para evitar a mistura de assuntos num mesmo parágrafo, Washington utiliza como artifício o tratamento de assuntos diferentes em parágrafos diferentes.

Analisemos um exemplo de carta:

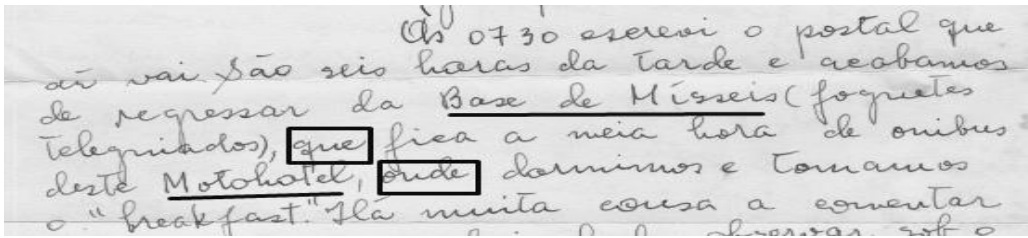


Elza, Querida
Escrevi uma carta e enviei um postal
de Washington; creio você já os recebeu e também
nossos filhos aos quais enviei daquela cidade,
de, um postal.
Nossa estadia em Washington foi de
tres dias e, como sempre, o programma foi
tanto intenso. No War College americano este-
remos pela manhã e à tarde e foi bastan-
te proveitoso para todos nós. À noite ofereci-
ram um "cocktail" e encontrei o Almirante
Patrick, que esteve em visita à ESO e ainda
um Coronel associado que fazia parte da turma
naquela ocasião.
Agora, no outono, a cidade de Washington
está maravilhosa; as folhas adquiriram magnifi-
cos coloridos e lentamente, são caindo. Um
fóo espetaculo nestes numerosos e inusados
parques.
Voumos para cá, Pittsburg e estivemos
à tarde toda em "Shippingport", após uma via-
gem de onibus do aeroporto até a usina atô-
mica. É algo fabuloso e só quem tem muito

[15-10-1960]

Nesse trecho, observamos que a mudança de parágrafo introduz sub-tópicos que desenvolvem aspectos do tópico maior, que trata de seu programa de visitas e observação, do trabalho. No parágrafo 1, o missivista fala de um postal que enviou para a família. No parágrafo 2, fala sobre o que aconteceu durante sua estadia em Washington. No parágrafo 3, escreve sobre a beleza da cidade no outono e, no último parágrafo dessa página, fala de sua estadia em Pittsburg. Nos parágrafos seguintes, falará sobre viagens para outros lugares.

Vale a pena ressaltar que predomina nesses textos estruturas complexas, encadeadas não só por conjunções, mas também pelo uso de pronomes relativos.

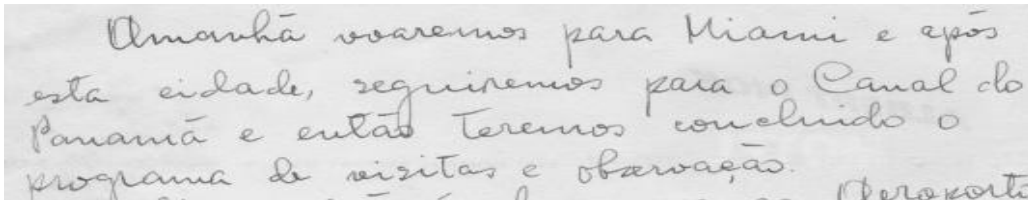


As 0730 escrevi o postal que
eu vai. São seis horas da tarde e acabamos
de regressar da Base de Mísseis (foguetes
teleguiados), que fica a meia hora de ônibus
deste Motohotel, onde dormimos e tomamos
o "breakfast." Há muita coisa a comentar

[15-10-1960]

- **Mecanismos de coesão (referenciação e sequenciação) e pontuação:**

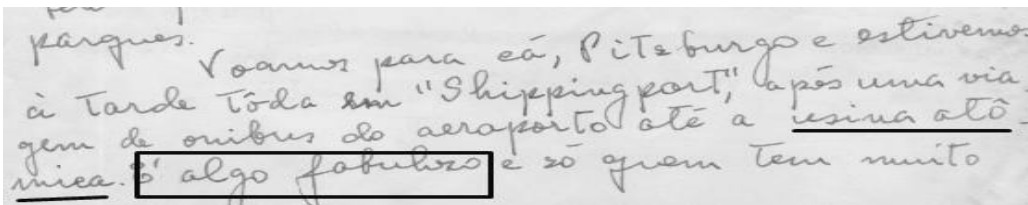
O missivista pontua adequadamente, com alguns desvios pouco frequentes em que deveria haver um par de vírgulas, mas só há uma delas.



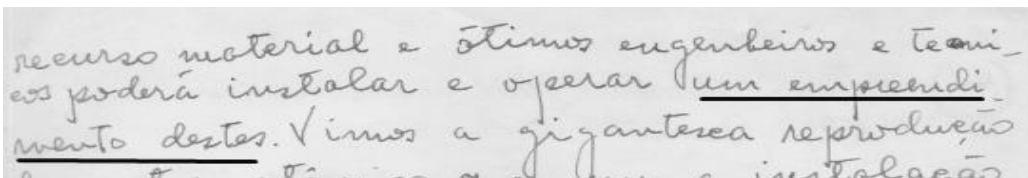
Amanhã voaremos para Miami e após
esta cidade, seguiremos para o Canal do
Panamá e então teremos concluído o
programa de visitas e observações. Berakoto

[15-10-1960]

Os mecanismos de referenciação são variados, utilizando-se anáforas pronominais, elipses, hipônimos, hiperônimos e sinônimos.

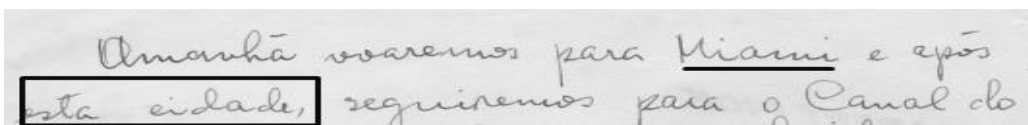


parques. Voamos para cá, Pittsburgh e estivei-
mos à tarde toda em "Shippingport," após uma via-
gem de ônibus do aeroporto até a usina atô-
mica. É algo fabuloso e só quem tem muito



recurso material e ótimos engenheiros e técni-
cos poderá instalar e operar um empreendi-
mento destes. Vimos a gigantesca reprodução

[15-10-1960]



Amanhã voaremos para Miami e após
esta cidade, seguiremos para o Canal do

[15-10-1960]



Os mecanismos de sequenciação são pouco explorados. Em geral, utiliza-se mais a conjunção “e”, algumas vezes repetidamente, e as conjunções “mas”, “porém” e “então”. No entanto, apesar dos usos não serem variados, o texto tem bom encadeamento, não comprometendo na manutenção da sequência textual.

• Marcas da oralidade

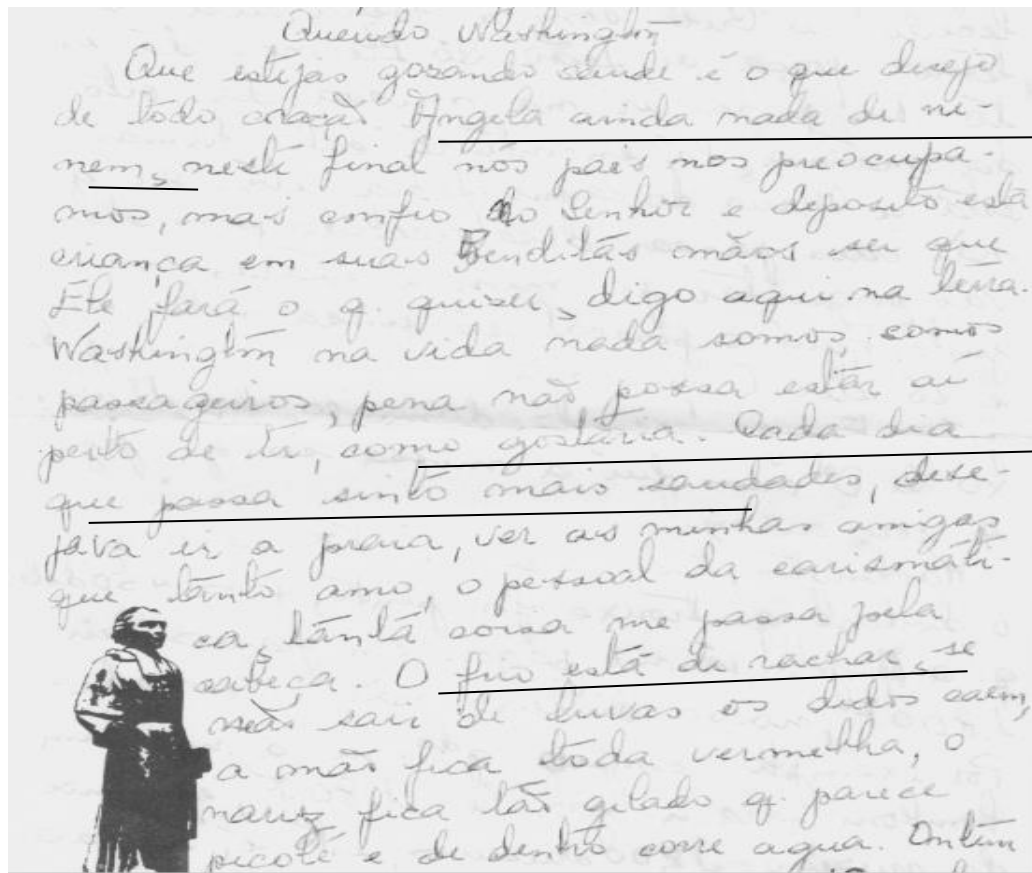
Fazendo uma análise holística, não foram encontrados nos textos exemplos que remetessem a certa frequência na presença de marcas de oralidade. O texto é escrito num tom de quem conta alguma coisa para alguém que está distante, sem o tom de diálogo com o interlocutor, mas de uma narração, na maior parte dos textos.

O que chamou a atenção foi a oscilação, para expressar o tempo futuro, entre o futuro do presente e o futuro com o verbo auxiliar IR mais infinitivo. Além disso, o uso do verbo “haver” é categórico quando se quer expressar existência. Nesse corpus, não há oscilações entre “ter” e “haver” existenciais.

Elsa:

• Formatação e organização tópica:

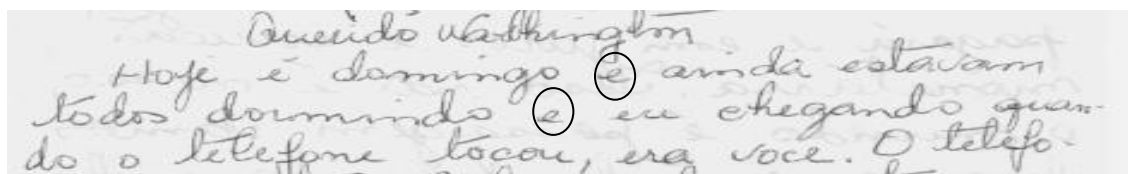
Todos os textos da missivista atendem a estrutura geral do gênero carta pessoal, com local e data, vocativo, mensagem, despedida e assinatura. Os parágrafos são blocos extensos que, na maior parte das vezes, misturam diversos assuntos, não tendo uma boa organização tópica. Em uma das cartas em que a missivista aborda um mesmo assunto do início ao fim, sua escrita é circular e repetitiva, não havendo progressão temática. Algumas vezes, inicia um período dentro do parágrafo sem utilizar a letra maiúscula e sem sinalizar ao leitor o fim do período anterior com o ponto final.



[20-01-80]: Exemplo de mistura de tópicos

Mecanismos de coesão e pontuação:

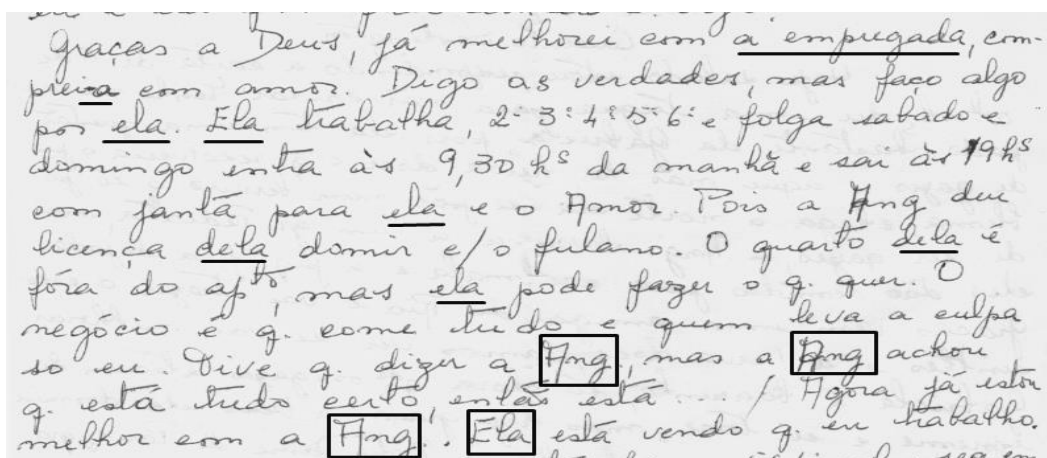
A missivista usa os sinais de pontuação inadequadamente, marcando o fim de um período com vírgula, por exemplo, ao invés de ponto final. A vírgula (,) é usada em quase todo o texto para substituir outros sinais de pontuação e o ponto-e-vírgula (;) é quase sempre também utilizado inadequadamente. Os mecanismos de sequenciação são simples: uso das conjunções “e” e “mas” em grande parte dos textos e poucos usos de “pois” e “porém”; uso de pontuação onde deveria haver um conector.



[13-01-180]: Exemplo de repetição de um mesmo conector

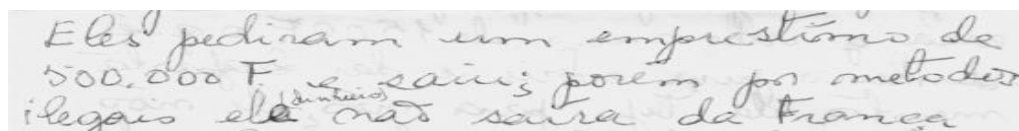
Os mecanismos de referenciação ora são bem simples ora um pouco mais diversificados. Mas, de modo geral, o pronome pessoal de terceira pessoa do singular é utilizado com grande frequência para fazer a retomada de um objeto do discurso [+humano] e em pouca frequência para retomar objetos do discurso [-humano] em todas as 3 cartas analisadas dessa informante.

Os exemplos abaixo foram retirados da mesma carta, em páginas diferentes.



Grças a Deus, já melhorei com a empugada, com
peira com amor. Digo as verdades, mas faço algo
por ela. Ela trabalha, 2º 3º 4º 5º 6º e folga sábado e
domingo entra às 9,30 h^s da manhã e sai às 19h^s
com janta para ela e o Amor. Pois a Fmg deu
licença dela dormir e/ o fulano. O quarto dela é
fora do aptº, mas ela pode fazer o q. quer. O
negócio é q. come tudo e quem leva a culpa
so eu. Dize q. dizer a Fmg, mas a Fmg achou
q. está tudo certo, então está... / Agora já está
melhor com a Fmg. Ela está vendo q. eu trabalho.

[16-04-1977]: Exemplos de um processo de referenciação simples

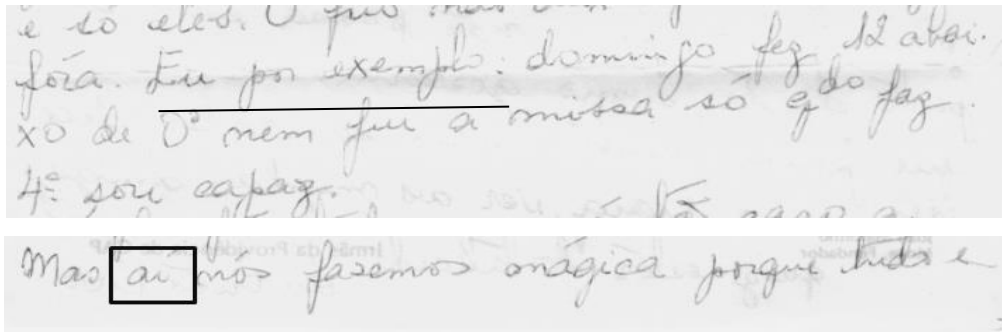


Eles pediram um empréstimo de
500.000 F e saíram por métodos
ilegais ela não sairá da França

[13-01-1980]: Exemplo de pronome pessoal de 3ª.p.s retomando objeto do discurso [-humano]

• Marcas da oralidade

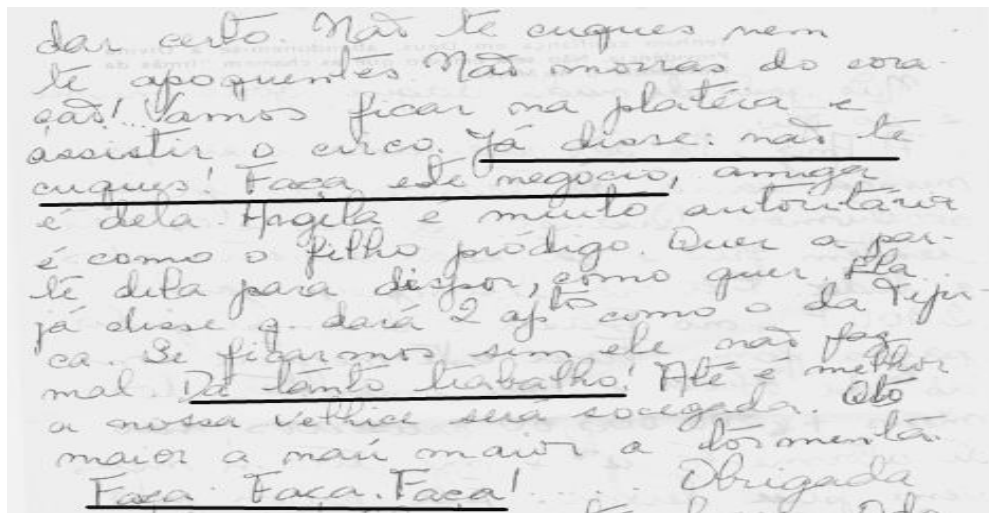
A construção do texto da Elsa apresenta algumas marcas da oralidade. Apesar de já ter sido comentado o desenvolvimento dos tópicos discursivos, a mistura destes dentro de um texto também pode ser visto como um a influência da oralidade na escrita. Elsa escreve seu texto apresentando algumas marcas da língua falada. No primeiro exemplo abaixo, é iniciado um tópico que indica que falará de si e, em seguida, faz um comentário sobre a temperatura para depois retomar o objetivo, que era falar sobre si mesma. No segundo exemplo, encontramos o uso de um conectivo típico da oralidade.



e só eles. O que não é
foia. Foi por exemplo: domingo fez 12 abai.
xo de 0° nem fui a missa só q' do faz.
4° sou capaz.
Mas ai nós fazemos onágica porque tudo é

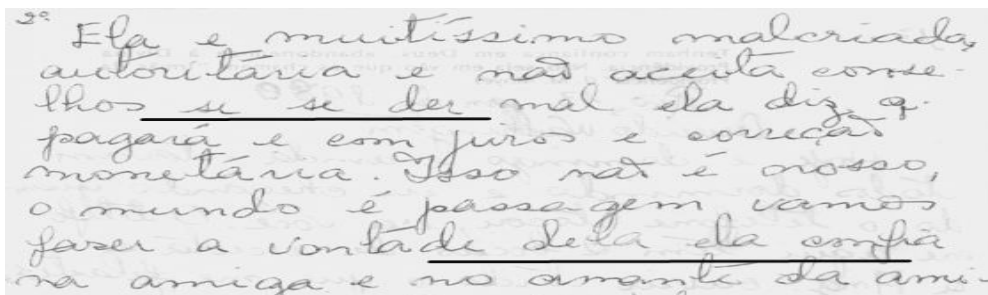
[20-01-1980]

Os dois exemplos que se seguem mostram que, na carta, (1) a ausência de pontuação, às vezes, ocorre por a escrita se aproximar um pouco mais da fala, seguindo seu fluxo e (2) que há um tom que mistura ordem (com muitas exclamações) e conselho como se locutor e interlocutor estivessem face-a-face.



dar certo. Não te cuques nem
te apoquentes Não morras do cora-
ção! Vamos ficar na plateia e
assistir o circo. Já disse: não te
cuques! Faça este negócio, amiga
é dela. Hagela é muito autoritária
é como o filho pródigo. Quer a par-
te dela para dispor, como quer. Ela
já disse q' dará 2 apto como o da Tiji-
ca. Se figuramos, sem ele não faz
mal. De tanto trabalho! Até é melhor
a nossa velhice sua sograda. O
maior a mãe maior a dormentar.
Faça. Faça. Faça! Obrigada

[13-01-1980]



^{3o} Ela é muitíssimo malcriada,
autoritária e não aceita conse-
lhos se se der mal ela diz q'
pagará e com juros e correção
monetária. Isso não é o nosso,
o mundo é passagem vamos
fazer a vontade dela da confia
na amiga e no amante da ami-

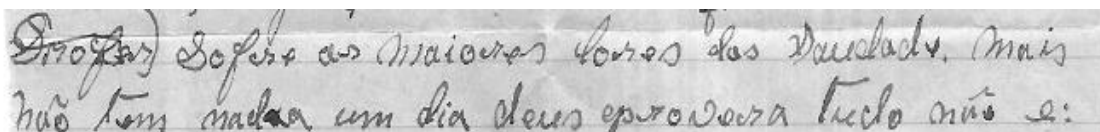
[13-01-1980]

Chamou a atenção o uso frequente do verbo “ter” com sentido existencial e o uso também frequente de construções com verbo IR + Infinitivo para indicar futuro do indicativo, diferente dos usos de seu marido.

Norma e José

Formatação, organização tópica, mecanismos de coesão e pontuação:

As cartas do casal variam de cartas bem curtas, contendo uma página, a cartas de três páginas. Os textos não têm marcação de parágrafos e, em relação a estrutura do gênero textual, é possível perceber algumas inadequações, como o uso de expressões como “vire queridinho”, “vire meu amôr” ou “vire ingrata” ao fim de cada página, o uso de “fim” para mostrar que a carta terminou e os pedidos de desculpas na finalização, ora dizendo-se avechado (a) ora prometendo que a próxima estará melhor. Os missivistas usam letras maiúsculas sem uma regra geral, o que mostra os seus desconhecimentos dos usos e o quão inábeis são com as letras, pois como poderiam pessoas aparentemente tão cristãs escreverem “Deus” e “Senhor” ambos com letras minúsculas?



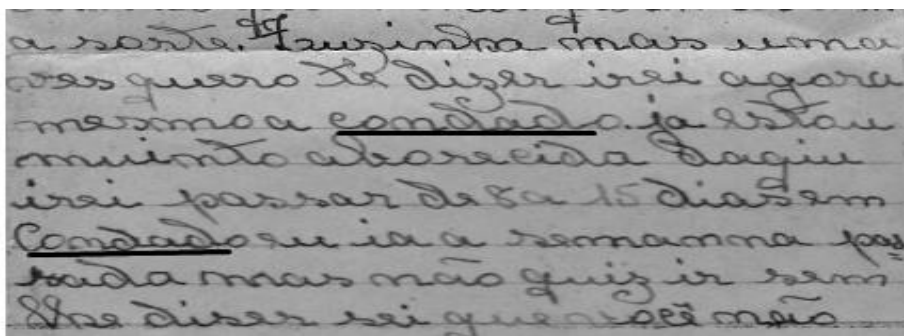
[27-07-1949] : José

Os períodos são longos e a pontuação precária, não havendo, muitas vezes, marcação de fim de período com ponto final (.). Algumas vezes, sinais de pontuação são usados incorretamente, como o caso do ponto de interrogação sendo usado como exclamação ou onde haveria um ponto final. E como, em geral, não há separação entre parágrafos, os tópicos sobre os quais eles escrevem vão se misturando ao longo do texto.

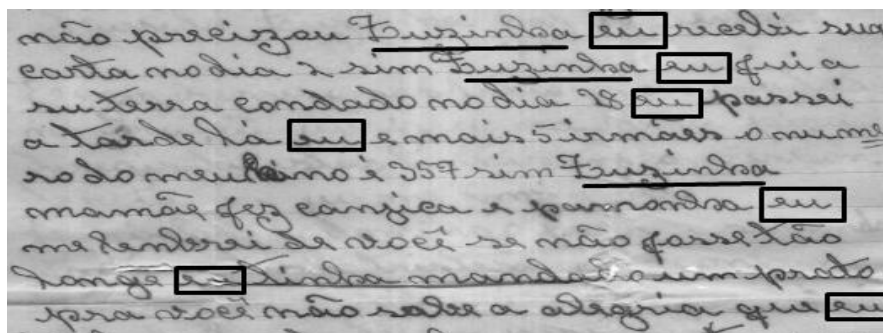
As cartas do casal Norma e José, dentro de uma análise holística, são bem parecidas em termos de manejo com o texto, inclusive os desvios gramaticais e ortográficos, embora possamos ter a impressão de que a Norma tenha um pouco mais de

contato com a escrita do que o José, o que veremos mais a frente numa análise mais cuidada dos dados.

Os mecanismos de sequenciação não são variados, restringindo-se, na maioria das vezes, às conjunções “mas”, “e” e “porque”. Há, portanto, pouquíssimos elementos que estabelecem relações semânticas entre as orações. E, para a construção de objetos de discurso/criar cadeias de referenciação dentro do texto, os missivistas também tinham pouco vocabulário e não conheciam muitos meios de retomar objetos já referidos. Desse modo, o recurso mais utilizado era o uso do pronome pessoal de terceira pessoa, “ele (a)”, e a retomada do termo por sua repetição, como nos exemplos abaixo.



[27-03-1950]: Norma

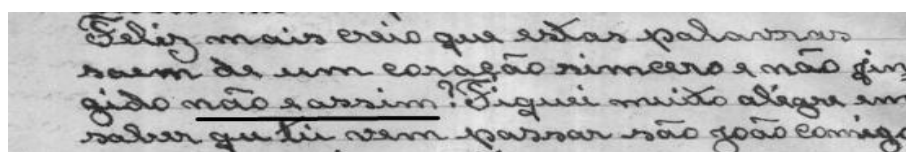
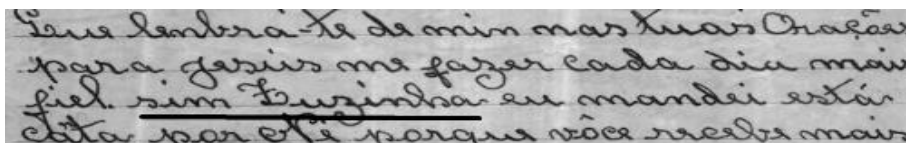


[04-07-1949]: Norma

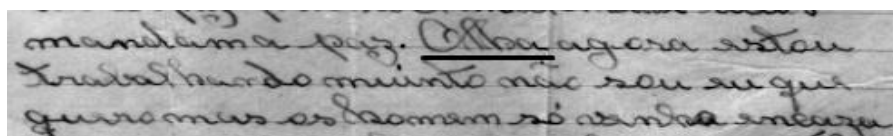
- **Marcas da oralidade**

Há cartas que apresentam algumas marcas de oralidade, sendo umas mais recorrentes do que outras. Abaixo há alguns exemplos. No primeiro, há uma confirmação de algo que foi feito, como se fosse uma resposta a uma carta anterior que

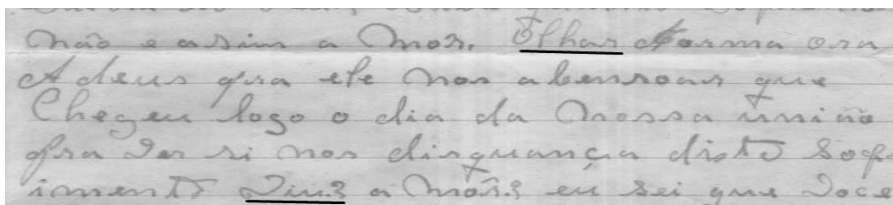
perguntava ou pedia algo. No segundo, temos uma afirmação e uma pergunta que visa uma resposta afirmativa e reproduz uma forma comum de manter o fluxo conversacional no diálogo oral. E, no terceiro exemplo, há um claro marcador discursivo típico da fala que aparece na escrita dos dois missivistas.



[04-07-1949]: Norma

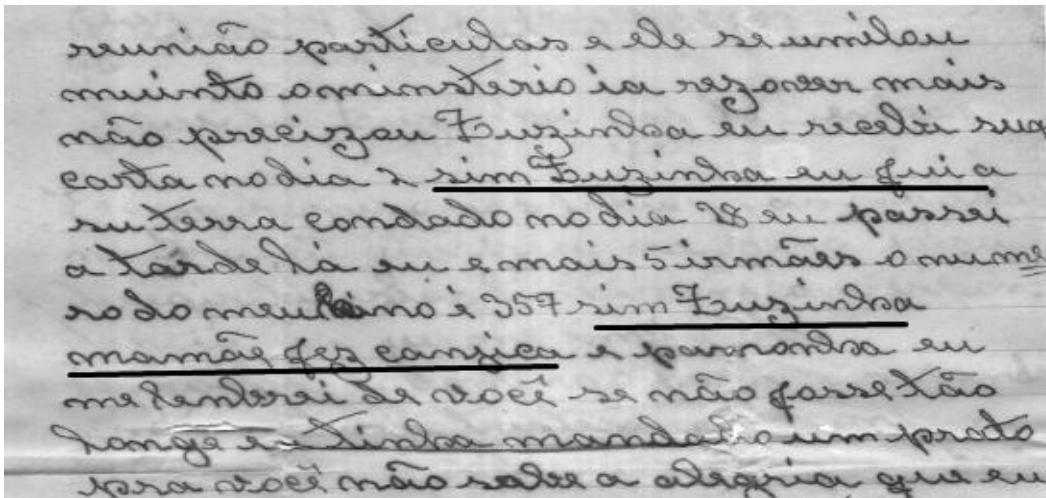


[02-08-1949]: Norma



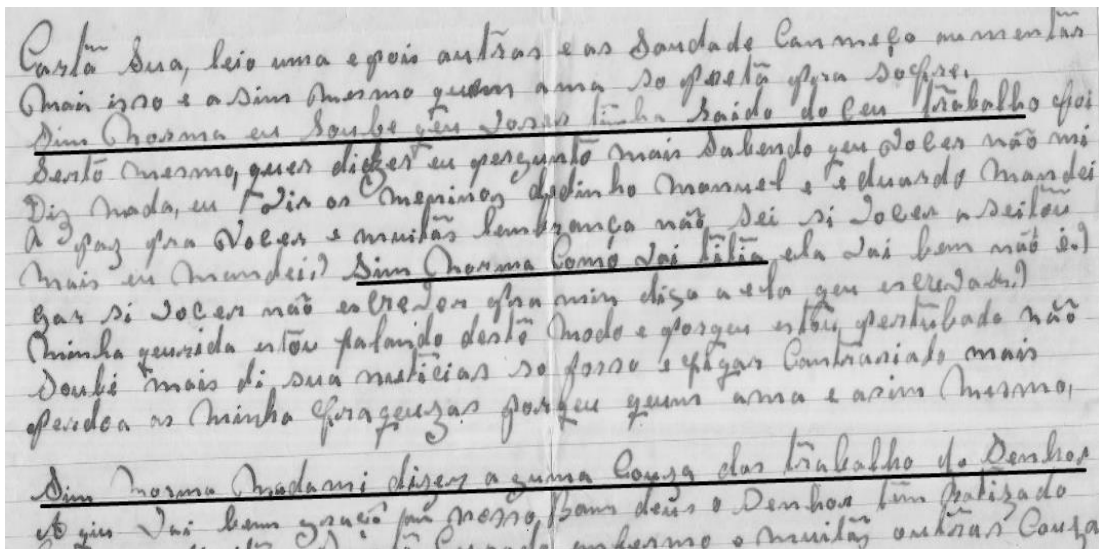
[04-07-1950]: José

Uma observação sobre o primeiro exemplo que pode ser feita tanto para a escrita do José, em que é mais frequente, quanto para a da Norma é o fato de que as expressões “Sim querido”, “Sim Norma” e equivalentes são sempre utilizadas para introduzir um novo assunto, ou seja, parece ser muito mais uma estratégia textual –pelo desconhecimento de outras- para introduzir um novo tópico do que somente uma marca da oralidade. Observe os exemplos a seguir destacados em uma carta de Norma e em uma de José.



reunião particular e de se reunir
 muito o ministro ia rezar mais
 não precisa se furiosa eu reedi sua
 esta no dia 2 sim furiosa eu fui a
 a terra condado no dia 18 eu passei
 a tarde lá eu e mais 5 irmãs o mesmo
 do meu irmão é 557 sim furiosa
mamãe fez canjica e parounda eu
 me lembro de você se não fosse tão
 longe eu tinha mandado um pacote
 para você não sabe a alegria que eu

[04-07-1949]: Norma



Carla sua, leio uma e pois outras e as saudade com meço momentos
 mais isso e a sim mesmo quem ama so para pra sofrer
Sim Norma eu soube que você tinha vindo do seu trabalho foi
 desta mesma quer dizer eu pergunto mais sabendo que você não me
 diz nada, eu falo os meus amigos do Manuel e do Eduardo Manuel
 a foga pra você e muitas lembrança não sei si você a se deu
 mais eu me lembro Sim Norma como foi lá ela vai bem não é?
 Mas si você não se lembra pra mim diga a ela que eu lembro
 minha querida está falando deste modo e porque está perturbada não
 doube mais de sua matricias se fosse e foga contrariado mais
 perdoe as minha fogações porque quem ama e assim mesmo
Sim Norma Madamê disse a alguma coisa das trabalhos do Denhos
 e eu sei bem que não pra isso, bom Deus e Denhos tem praticado

[10-12-1949]: José

Chama a atenção, ainda, nas cartas dessa missivista, a mistura dos pronomes Tu e Você/ Te e Lhe. Mas não só a alternância dos pronomes como também a alternância de usos de Tu com e sem concordância, evidenciando claramente um traço do Português do Brasil.

Querido Eugénia paz do Senhor
 E com o coração cheio das maiores alegrias
 Deu venho por meio desta simples carta
 ora responder a tua cartinha que veio
 Me encher de alegria no momento em que
 tenho as minhas mãos que li e reli me
 sentindo feliz porque era mesmo que
 esta carta te trazinha se for verdade
 o teu amor manda dizer-me em tua
 cartinha eu poderia considerar-me
 feliz mais creio que estas palavras
 saem de um coração sincero e não gin-
 gido não é assim? Fiquei muito alegre em
 saber que tu sem passar são gozões amigo
 manda-me dizer o dia porque se for pos-
 sível eu vou te esperar se for possível
 eu vou te esperar Eugénia tu sabes que
 eu vou te olhar eu nunca me esqueço
 de entregar-te ao Senhor para ele te guar-
 dard e também nos abraçar que possa
 fazer tudo para honra e gloria do teu
 VIRE

[21-05-1949]

Deus que esta tua te
 encontra ganhando saúde e
 felicidade das meu desejo
 Eugénia receber a tua cartinha
 tu já mandei a resposta
 se não não receber tu fizes
 esperando. mas de volta não
 sair e me disse que tu veio a
 eu não me cansa de escrever
 para recei já que não tenho o
 prazer de esta toda a dia
 ao teu lado se minha te

[27-03-1950]

Odecio:

- **Formatação e organização topica:**

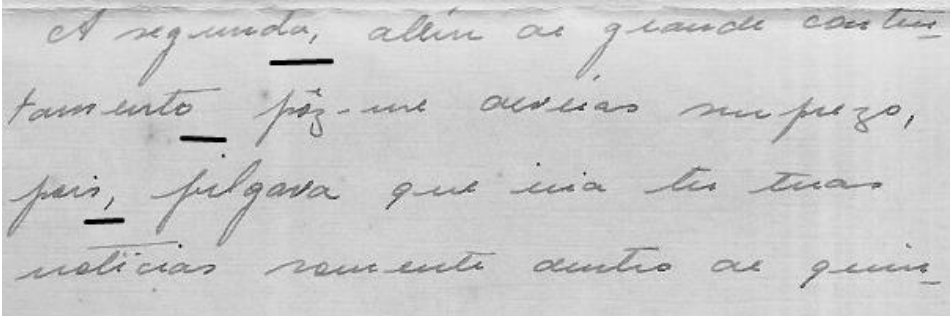
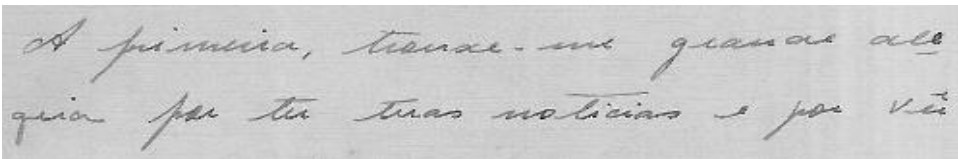
Desse missivista, para uma análise textual, foram selecionadas, dentre as 9 cartas, 3 (27-12-1936; 29-03-1940; 29-11-1939) para que fossem analisadas e representassem o todo. A formatação dos textos – considerando só neste momento as 9

cartas - costuma ser um tanto irregular em relação aos parágrafos, mas a estrutura geral do gênero carta pessoal é atendida satisfatoriamente. Em geral, há um equilíbrio no tamanho dos parágrafos, mas, mesmo os parágrafos mais extensos, costumam abordar um mesmo assunto. O vocabulário é amplo com muitos usos de advérbios e adjetivos, algumas vezes lembrando uma linguagem poética.

Passando, nesse momento, a considerar as três cartas selecionadas, o missivista desenvolve o tópico discursivo gradativamente sem misturar assuntos num mesmo parágrafo, mas, ao longo de seu texto, outros assuntos podem surgir quando introduz algumas notícias que atualizam sua amada sobre os fatos de sua terra. Nesse caso, o tópico discursivo passa a ser outro, o que não o torna menos hábil com a escrita pelo fato de na carta ter de caber os assuntos sobre os quais se precisa falar, não havendo obrigatoriedade de se tratar de um assunto só.

- **Mecanismos de coesão e pontuação:**

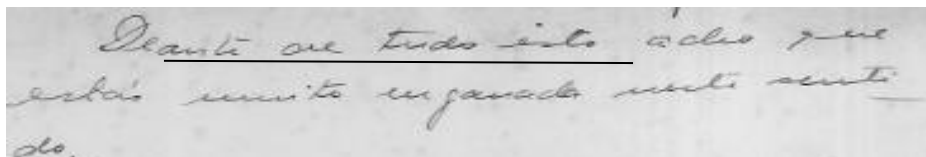
O texto tem poucos problemas de pontuação, mas que são recorrentes nos mesmos casos. Um exemplo disso é que o missivista muitas vezes separa sujeito de verbo com vírgula ou emprega uma vírgula antes e depois ou só depois de uma conjunção, como nos exemplos abaixo:



[26-02-1937]

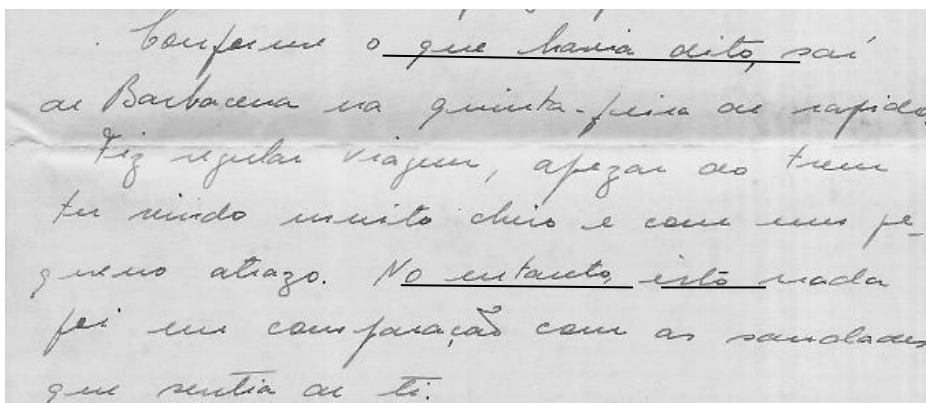
Sobre os processos de sequenciação observados nas cartas, pôde ser observado poucos elementos explícitos – como as conjunções - que estabelecem a relação entre períodos ou parágrafos. Além disso, apareceram marcadores de discurso típicos da fala, como “Bem,”. Isso, no entanto, também não o torna pouco hábil com a escrita porque aparecem conjunções e outros conectivos que são deslocados para o meio da sentença que, junto com orações complexas e sintagmas deslocados que quebram a ordem SVO do português, atestam a habilidade das mãos que escrevem. Acrescentando um pouco mais, o escrevente utiliza recursos diversos para a retomada dos objetos de discurso, ora retomando por meio de elipses e pronomes oblíquos átonos, entre outros, ora retomando um tópico por meio de um pronome encapsulador. Outros dois pontos a ressaltar que é comum no conjunto de textos de Odécio é o deslocamento das orações subordinadas para a esquerda e a extensão de suas cartas. De todos os missivistas são dele as maiores missivas.

Veja alguns exemplos:

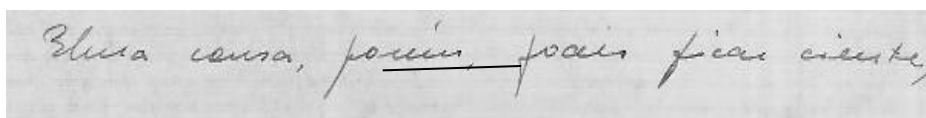


Deante de tudo isto acho que está muito enfiada neste senti do.

[29-11-1939]



Conferiu o que havia dito, sai de Barbacena na quinta-feira de rapido. Fiz regular viagem, apesar do trem ter vindo muito cheio e com um pequeno atazo. No entanto, isto nada foi em comparação com as sancladas que sentia de ti.



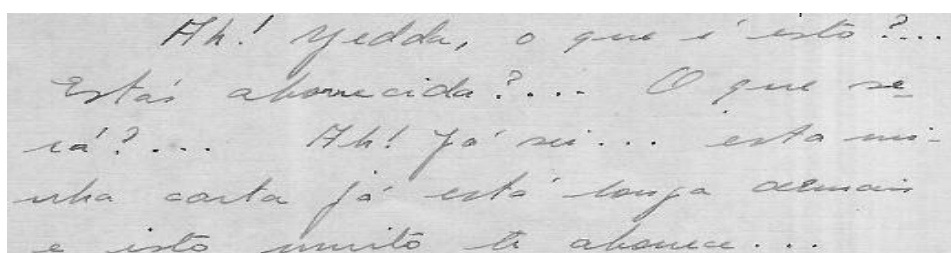
Essa coisa, porém, pois ficou assim.

[26-02-1937]

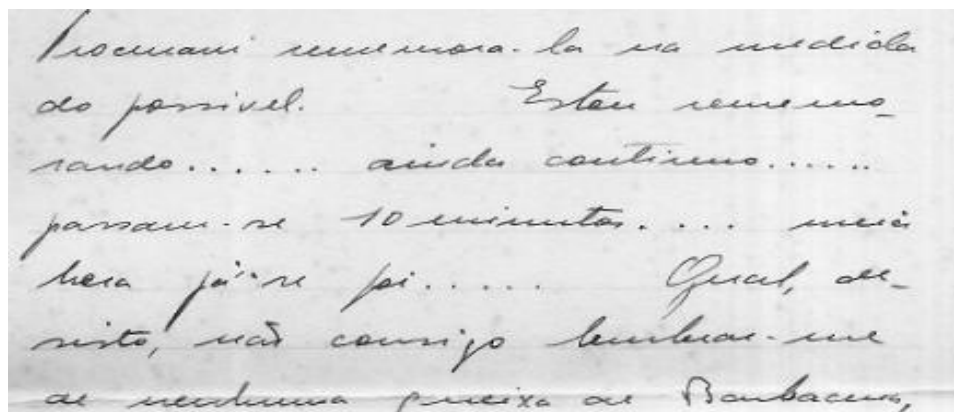
- **Marcas da oralidade**

Em suas cartas, Odécio quase conversa com Yedda. São cartas de amor que trazem não só letras num papel, mas também uma voz a falar com sua querida. Ele pergunta, exclama, responde ao que acha que seja uma pergunta dela, imagina e, poderia dizer, dialoga.

Podemos ver num trecho de sua carta, abaixo, suas interrogações e reticências ao “falar” com Yedda.



[26-02-1937]



[29-11-1939]

Todavia as marcas de oralidade não estão muito evidentes em todas as cartas. Há cartas que tem um caráter mais dialógico do que outras, sendo as marcas de oralidade mais frequentes e perceptíveis.

Kock e Oesterreicher (2006), ao abordarem o tema da oralidade e escrituralidade, propõem um continuum que compreende desde um texto (oral ou escrito) mais prototipicamente oralizado ao mais prototipicamente escrituralizado. Para



tanto, estabelecem alguns parâmetros que ajudam a definir em que ponto desse continuum o texto está, entre eles, (a) o grau de publicidade do texto, (b) grau de familiaridade entre interlocutores, (c) o grau de implicação emocional, (d) a imediatez física dos interlocutores, (e) o grau de fixação temática e o (f) grau de dialogicidade e cooperação. Como esse corpus é “homogêneo”, no sentido de só estar lidando com cartas pessoais, ignorando nesse momento que possa haver diferença entre elas, não haverá muita diferença no que respeita aos parâmetros elencados. Aquele que mais parece relevante, nesse momento, é o grau de fixação temática que estabelece diferença entre as cartas; todavia esse parâmetro foi, de certa forma, incluído no critério (a) de análise textual.

A seguir, apresento, então, uma escala que define o que para nós está sendo considerado como maior ou menor grau de letramento. O número 1 na escala corresponde a um indivíduo mais letrado e o número 4 corresponde a um indivíduo menos letrado. Essa escala considera a análise textual e é imprescindível para a segunda análise, quando olhamos especificamente para o fenômeno linguístico e verificamos seu comportamento associado ao grau de letramento. Lembramos, ainda, que essa escala pode, mas não pretende servir para a análise de quaisquer outras cartas, pois foi feita para estabelecer diferenças entre nossos cinco missivistas. Vale ressaltar que para que um missivista fosse posto em determinada posição não era necessário que atendesse a 100% da descrição correspondente, mas que correspondesse a grande parte dela.

1	2	3	4
<p>O texto tem um mesmo tópico desenvolvido em parágrafos diferentes ou separa tópicos por parágrafo; Os parágrafos são bem divididos e o indivíduo conhece bem a estrutura da carta; O remetente conhece variados recursos de referência e seqüenciação e sua pontuação do texto é adequada ou com raríssimos desvios pontuais; As marcas de oralidade são poucas ou raras; não há problemas de concordância ou são raros; o vocabulário é diversificado;</p>	<p>O texto mistura tópicos diferentes em um mesmo parágrafo com baixa frequência ou utiliza a mudança de parágrafo como estratégia para mudar de assunto; O indivíduo conhece a estrutura do gênero carta pessoal; O remetente conhece variados/alguns recursos de referência e seqüenciação e sua pontuação do texto é adequada ou com alguns desvios pontuais; As marcas de oralidade são poucas ou pontuais; não há problemas de concordância ou são raros; o vocabulário é diversificado;</p>	<p>O texto tem a divisão de parágrafos aleatória e/ou mistura tópicos diferentes em um mesmo parágrafo; O indivíduo conhece a estrutura do gênero carta pessoal, mas não conhece muito bem algumas normas da escrita e pode iniciar palavras por maiúsculas aleatoriamente ou deixá-lo de fazer quando necessário. O remetente utiliza recursos limitados de referência e seqüenciação e sua pontuação do texto é adequada ou com alguns desvios não pontuais;</p>	<p>O texto é quase todo ou todo desenvolvido num bloco único com tópicos misturados e o indivíduo demonstra pouco conhecimento do gênero em que escreve, além de não conhecer muito bem algumas normas da escrita e pode iniciar palavras por maiúsculas aleatoriamente. Os recursos de seqüenciação e referência são precários ou muito limitados; a pontuação é muito irregular ou quase não pontua;</p>
Odécio	Washington	Elza	Norma e José

Tabela 1: Escala de grau de letramento dos missivistas, sendo 1 para mais letrado e 4 para menos letrado

2.2 – Análise (2)

Segundo Tarallo (1996), o século XIX foi um período de grandes mudanças na sintaxe do Português do Brasil e, de acordo com Pagotto (1992), o século XIX foi o período de estabelecimento de uma nova norma culta escrita gerando muitas polêmicas e mudando o modo com que os sujeitos encaravam as formas que deveriam utilizar na escrita, tendo seus reflexos até os dias atuais. A partir disso, a próxima análise considera o padrão de colocação pronominal (que constitui mais uma das marcas diferenciadoras do PB e PE) encontrado no corpus, que mostra a escrita de pessoas que viveram em meio a essa recente mudança de normas.

Duarte e Pagotto (2005), ao investigarem este fenômeno linguístico em cartas pessoais do casal Bárbara e Christiano Ottoni, encontraram comportamentos linguísticos diferentes para os dois missivistas em contextos sintáticos de próclise e de ênclise: Bárbara Ottoni deixou emergir em suas missivas uma gramática mais próxima do português brasileiro vernacular atual enquanto Christiano Ottoni revelou uma norma linguística mais lusitana.

Desse modo, neste trabalho, até aqui, o perfil social dos informantes já foi traçado e a escala com o grau de letramento já foi definida. Vamos ao fenômeno linguístico!

Os objetivos dessa última análise são (a) ver de que modo o padrão de colocação pronominal se relaciona com os fatores sociais e (b) comparar os resultados encontrados no corpo da carta com os encontrados na captação da benevolência e despedida e investigar se há influências de tradições discursivas.

A tabela abaixo mostra que o grau de letramento tem grande influência no padrão de colocação pronominal. O indivíduo mais letrado é o que usa mais ênclise e o único a usar mesóclise. Não era esperado, portanto, que missivistas de grau de letramento 4 tivessem um comportamento linguístico como os de grau 2.

Posição pronomes x Grau de Letramento	próclise	ênclise	mesóclise	Total
1	84 (46.7%)	94 (52.2%)	2 (1.1%)	180(56.1%)
2	4 (80%)	1 (20%)	0 (0%)	5 (1.6%)
3	23 (85.2%)	4 (14.8%)	0 (0%)	27 (8.4%)
4	84(77.1%)	25 (22.9%)	0 (0%)	109 (34%)
Total	195 (60.7%)	124 (38.6%)	2 (0.6%)	321 (100%)

Tabela 2: posição dos pronomes versus grau de letramento

Em relação aos contextos de ênclise obrigatória no Português Europeu (PE a partir daqui), dos quais estou considerando aqui somente os contextos de verbo em primeira posição na sentença (Contexto V1 absoluto e V1 início de oração) e de verbo em segunda posição (Contexto V2: verbo antecedido por sujeito, certos advérbios ou sintagma preposicional), vemos que o padrão que aparece está relacionado com o grau de letramento do indivíduo também. Abaixo há alguns exemplos de contextos V1 e V2, codificados de acordo com o apresentado em Galves, Ribeiro e Morais (2005).

Contexto V1

- (1) Acho-me ho- je, calmo, alegre e feliz... [20-07-1938: Odécio]
- (2) Eé isto mesmo: o amor, penso eu, não se define, sente-se; e, acabou-se [13-11-1939: Odécio]
- (3) Quanto as tuas notícias aguardo-as no menor prazo possível [16 - 10 -1939: Odecio]

Contexto V2

- (4) chega a noite ela se põe num berreiro que só pode ser gases [FB_16_04_1977: Elza]
- (5) Angela levou-a a um grande Pediatra [FB_16_04_1977: Elza]
- (6) Washington eu te peço assine [FB-13-01-1980: Elza]
- (7) tanta coisa me passa pela cabeÃ§a. [FB_20_01_1980: Elza]

A próclise é generalizada em quase todos os casos. No contexto de V1, no grau 1, encontramos um alto percentual de ênclise e, no grau 4, há uma oscilação entre próclise e ênclise, no entanto, num contexto menos marcado, como o de V2, o missivista generaliza a próclise, aproximando-se dos outros.

Tipo de Construção x Grau de Letramento		V1	V2	Total
1	Próclise	1 (2%)	22 (66.6%)	23 (26%)
	Ênclise	53 (96%)	10 (30.3%)	63 (72%)
	Mesóclise	1 (2%)	1 (3%)	2 (2%)
2	Próclise	1 (100%)	2 (100%)	2 (100%)
	Ênclise	0	0	0
	Mesóclise	0	0	0
3	Próclise	3 (75%)	10 (90.9%)	13 (87%)
	Ênclise	1 (25%)	1 (9%)	2 (13%)
	Mesóclise	0	0	0
4	Próclise	7 (54%)	18 (90%)	25 (76%)
	Ênclise	6 (46%)	2 (10%)	8 (24%)
	Mesóclise	0	0	0
Total		73	65	138

Tabela 3: Tipo de construção com clítico versus grau de letramento

Não era esperado, portanto, encontrar em contexto de V1 o percentual maior de ênclise para o grau 4 do que para o 2 ou 3. Vamos ver como são esses dados.

José:

- (1) Desculpe - me as letras e os erros Porque A pena é muito Péssima . (despedida)
- (2) Desculpe-me os erros e A má Caligrafia Viu.! (despedida)

Norma:

- (3) Escrevi relatando-te as saudades que eu tenho de ti. (captação da benevolência)
- (4) É neste venturoso momento em que me veio a Inspiração de responder a tua cartinha demonsatrndo - te o sinal embalável amizade (captação da benevolência)
- (5) Julgo - me a mais venturosa das criatura (corpo da carta)
- (6) Olha ! vejo - me ausente de ti (corpo da carta)

Guardemos esses exemplos para os comentários posteriores a análise das tabelas que se seguem.

As duas tabelas abaixo apresentam, a primeira, o percentual de próclise, ênclise e mesóclise por missivista em formas simples e complexas e, a segunda, a posição dos pronomes em formas complexas por grau de letramento. Observando os resultados para as formas simples na primeira tabela, poderíamos confirmar a escala de grau de letramento que já propomos mais acima, mas precisamos ver outros contextos ainda. A tabela 5, sobre a distribuição das posições dos pronomes em formas complexas, nos mostra que todos os missivistas, independente do grau de letramento, utilizam próclise ao verbo principal em estrutura complexa, o que caracteriza uma inovação do português do Brasil já atestado em outros trabalhos sobre o mesmo tema. Não se pode deixar de observar que para o grau 1 e 4 de letramento há um número significativo de dados em relação aos outros números da escala. Voltarei a isso mais a frente.

Forma verbal Missivista		Simples	Complexas	Total
Odécio	Próclise	81(49%)	3 (21%)	84 (47%)
	Ênclise	83(50%)	11 (79%)	94 (52%)
	Mesóclise	2 (1%)	0	2 (1%)
Elza	Próclise	21 (88%)	2 (66%)	23 (85%)
	Ênclise	3 (12%)	1 (34%)	4 (15%)
	Mesóclise	0	0	0
Washington	Próclise	2 (67%)	2 (100%)	4(80%)
	Ênclise	1 (33%)	0	1(20%)
	Mesóclise	0	0	0
José	Próclise	31 (82%)	0	31 (76%)
	Ênclise	7 (18%)	3 (100%)	10(24%)
	Mesóclise	0	0	0
Norma	Próclise	44 (79%)	9 (75%)	53 (78%)
	Ênclise	12 (21%)	3 (25%)	15 (22%)
	Mesóclise	0	0	0
Total	Próclise	179 (62%)	16 (47%)	195
	Ênclise	106 (37%)	18 (53%)	124
	Mesóclise	2 (1%)	0	2

Tabela 4: Forma verbal versus missivista

Posição dos clíticos em formas complexas- x grau de letramento					
	Verbo Auxiliar		Verbo principal		total
	próclise	ênclise	próclise	ênclise	
1	0	0	3	11	14
2	0	0	2	0	2
3	0	0	2	1	3
4	0	1	9	5	15
Total	0	1 (2,9%)	16 (47%)	17 (50%)	34

Tabela 5: Posição dos clíticos versus grau de letramento

A tabela 6 nos traz informações sobre o contexto sintático em que ocorrem próclises e ênclises. O missivista que pertence ao grau 1 de letramento é o que mais se aproxima dos padrões de colocação pronominal do PE. A próclise é generalizada, exceto no contexto mais marcado de início de período e, por ser generalizada, não podemos atribuí-la aos operadores de próclise quando esses estão presentes.

Grau de letramento x Contexto sintático										
	1		2		3		4		Total	
	Próc.	Ênc.	Próc.	Ênc.	Próc.	Ênc.	Próc.	Ênc.	Próc.	Ênc.
Início de período	0	38 (100%)	0	0	4 (80%)	1 (20%)	0	5 (100%)	4 (8%)	44 (92%)
Início de oração	0	13 (100%)	0	0	0	0	7 (70%)	3 (30%)	7 (30%)	16 (70%)
Operadores	69 (86%)	11 (14%)	1 (100%)	0	13 (93%)	1 (7%)	50 (88%)	7 (12%)	133 (88%)	19 (12%)
Não operadores	11 (39%)	17 (61%)	2 (100%)	0	6 (85%)	1 (15%)	19 (82%)	4 (18%)	38 (63%)	22 (37%)
Prep+Infinitivo.	4 (21%)	15 (79%)	1 (50%)	1 (50%)	0	1 (100%)	8 (57%)	6 (43%)	13 (36%)	23 (64%)

Tabela 6: Grau de letramento versus contexto sintático

*1 dado de mesóclise em **início de período**

*1 dado de mesóclise com **elemento não atrator**

Por fim, apresento a última tabela que mostra a posição dos clíticos de acordo com as partes da carta em que se encontram. O percentual de ênclise é maior nas despedidas e baixo no corpo da carta. Além disso, os poucos casos de mesóclise aparecem também na despedida.

Partes da carta x Posição dos clíticos			
	próclise	ênclise	mesóclise
Captação da Benevolência	27 (84.4%)	5 (15.6%)	0
Corpo da carta	84 (77.1%)	25 (22.9%)	0

Despedida	84 (46.7%)	94 (52.2%)	2 (1.1%)
-----------	------------	------------	----------

Tabela 7: A posição do clítico versus as partes da carta

Retomarei agora os exemplos iniciais e comentarei o que foi recorrente em todas as tabelas. Os resultados para o grau 1 e 4 da nossa escala se mostraram relevantes. Era esperado que para o grau 1 houvesse um padrão de colocação pronominal bem próximo ao PE, com ênclises em V1 e V2 nas formas simples, mas não era esperado, por exemplo, que os percentuais para esse padrão fossem mais altos para o grau 4 do que para o 2 e 3. Voltando aos exemplos, então, temos:

José:

- (7) Desculpe - me as letras e os erros Porque A pena é muito Péssima . (despedida)
- (8) Desculpe-me os erros e A má Caligrafia Viu.! (despedida)

Norma:

- (9) Escrevi relatando-te as saudades que eu tenho de ti. (captação da benevolência)
- (10) É neste venturoso momento em que me veio a Inspiração de responder a tua cartinha demonsatrndo - te o sinal embalável amizade (captação da benevolência)
- (11) Julgo - me a mais venturosa das criatura (corpo da carta)
- (12) Olha ! vejo - me ausente de ti (corpo da carta)

Os exemplos nos sugerem que o fato de aparecerem esses casos de ênclises para esses missivistas pode estar relacionado a uma tradição discursiva de iniciar e terminar uma carta pessoal, uma vez que são poucos os dados do corpo da carta. Assim, esses dados estariam interferindo nos resultados, dando uma falsa impressão de maior grau de letramento. Outra evidência em favor dessa afirmação são os seguintes dados que aparecem nas cartas de Norma:

- (13) [...] tudo isto é alegria para mim quando levo a mão a pena para te enviar-te esta mal feita linhas rogando a Deus [...]
- (14) Ao pegar na minha fraca pena para responder tua amável cartinha . Com a qual veio-me alegrar me bastante [...]

Tais exemplos mostram claramente a falta de domínio da norma padrão, em que, talvez, na incerteza entre fazer próclise ou ênclise, a missivista opta pelos dois. Além disso,



não podemos deixar de mostrar que mesmo o Odécio, com grau 1 de letramento, escreve formas ditas de hipercorreção, como

José:

(15) Norma Aceita Um longo Beijo e um forte abraço do teu fiel Noivo que acha-se em uma das Maiores ausência tua. [04-07-1950]

Norma

(16) Vou terminar minhas palavras também pedindo que lembra te de mim nas tuas orações [...] [NJ-02-08-1949]

Odécio

(17) Como disseste, já dispunha-me a ficar um tanto" nervoso" com a demora de tuas notícias, quando ontem recebi tua carta que, por sinal, serviu-me de um grande" calmante". [20-07-1938]

Sobre tais formas a pergunta que nos fica, e que não tenho a menor pretensão de responder com este trabalho, é ,se, uma vez que para nós, brasileiros, a ênclise não faz parte de nossa gramática, mas é aprendida via escolarização ou por contato com a escrita, poderíamos estender o conceito de tradição discursiva a estes casos? Poderíamos pensar que, para nós, utilizar ênclise é uma tradição do texto escrito?

PONTO DE CHEGADA

Analisei as cartas de dois casais e um missivista que escreve para sua namorada a fim traçar o perfil social de cada um por meio do conteúdo do material, da análise textual e da análise de um fenômeno linguístico. Buscava ver de que modo as análises nos permitiriam saber quem são os remetentes das cartas, o que é muito importante para uma análise que toma como modelo teórico a sociolinguística histórica, nos moldes expostos por Conde Silvestre (2007).

Propus, então, a partir das leituras e levantamento de dados, uma escala de grau de letramento que considerou a análise textual. Concluí que, de todos, o Odécio pode ser considerado o mais letrado enquanto Norma e José são aqueles que, provavelmente, menos tiveram acesso ao ensino formal e contato com a escrita erudita – no sentido de uma escrita dentro da norma padrão – e isso pode ser comprovado pelo estudo dos padrões de colocação pronominal que foram encontrados. Como já foi dito, há um percentual de ênclise maior do que o esperado para esse casal, se comparado ao casal Elza e Washington, mas entendo que houve a influência de tradições discursivas, o que poderia transmitir a falsa impressão de maior grau de letramento. Nesse caso, investigar a influência das tradições discursivas nos



fenômenos linguísticos mostrou-se de suma importância para que saibamos se o resultado que temos reflete a norma de uma época ou uma tradição do texto.

Em relação ao resultado de colocação pronominal para Elza e Washington serem menor do que o esperado ou não terem se mostrado tão relevantes, é possível ir um pouco além dos dados e levantar hipóteses que correspondem às intencionalidades e aos contextos de produção. Ao pensarmos em Odécio e sua namorada, encontramos um casal que está espacialmente distante e que um deles tem ensino superior, podendo ser que ela também tenha. Por isso, talvez, haja a preocupação com as normas da escrita e uma tentativa de impressionar o outro ou um medo de ser julgado. Essa hipótese parece um tanto subjetiva, não sendo possível utilizar partes do texto para comprová-la, mas podemos lembrar das cartas de José e Norma quando este terminavam sempre se desculpando pelos erros e prometendo escrever melhor as próximas cartas com a desculpa de estarem “avechados”. A questão é linguística e social. Não percorreremos esse caminho já no final deste trabalho, mas precisamos lembrar que, se nessa época, ênclise não fazia parte da gramática do PB, escolher utilizá-la tem uma motivação externa de avaliação social, assim como o tem até hoje. Então podemos levantar outra hipótese sobre o casal Elza e Washington: Pelas cartas, aparentavam casados há muito tempo, pois tinham uma filha adulta e já eram avós e, além disso, vale lembrar que estamos lidando com cartas pessoais trocadas entre pessoas que tem uma laço afetivo muito grande, portanto, intimidade entre si. Destarte, por que motivo precisariam utilizar ênclises em suas cartas? A nós, parece um relacionamento antigo e maduro que não tem preocupação com essa avaliação social. Talvez, outra evidência disso seriam as muitas abreviações presentes nas cartas de Elza, que trazem ao leitor a sensação de uma escrita rápida e despreocupada.

Os resultados refletem uma norma da época? Os resultados refletem uma mistura da norma do português europeu, aprendida via escolarização, com a gramática do português brasileiro em maior ou menor grau a depender das mãos que escrevem, de seu conhecimento da norma padrão e habilidade para lidar com ela e de sua preocupação com a avaliação social a partir de sua escrita. Considerando tudo isso, vimos entre próclises, ênclises e desvios grafemáticos o português do Brasil que deixa seus vestígios, mesmo na escrita daqueles mais letrados, e a história de pessoas que, para nós, de algum modo, saíram do anonimato para compor esse porta retrato linguístico do que vimos estudando tanto até aqui e pretendemos estudar ainda mais: o português vernáculo do Brasil.



REFERÊNCIAS

BARBOSA, A. G. Tratamento dos Corpora de sincronias passadas da língua portuguesa no Brasil: recortes grafológicos e linguísticos. In: BARBOSA & CALLOU: A norma brasileira em construção: Fatos linguísticos em cartas pessoais do século 19. Rio de Janeiro, UFRJ, 2005

CONDE SILVESTRE, J. C. Sociolinguística histórica. Madrid, Gredos, 2007, p. 19-72.

DUARTE, M.E; PAGOTTO, E.G. “Gênero e norma: avós e netos, classes e clíticos no final do século XIX”. In: LOPES (org.) A Norma Brasileira em Constituição-Rio de Janeiro: UFRJ, Pós –graduação em Letras vernáculas: Faperj, 2005. p. 67

GALVES, C.; TORRES MORAIS, M.A. ; RIBEIRO, Ilza . Syntax and morphology in the placement of clitics in European and Brazilian Portuguese. Journal of Portuguese Linguistics, 2005, v. 4, p. 143-177.

KABATEK, Johannes (ed.) Sintaxis histórica del español y cambio lingüístico: Nuevas perspectivas desde las Tradiciones Discursivas. Madrid/Frankfurt: Iberoamericana/Vervuert (=Lingüística Iberoamericana 31), 2008.

_____. “Tradições discursivas e mudança lingüística”, in: Lobo, & Carneiro et al (orgs) Para a história do português brasileiro: novos dados, novas análises, Salvador: EDUFBA, 2006.

_____. Las tradiciones discursivas do español medieval: historia de textos e historia de la lengua. In: Iberoromania: Revista dedicada a las lenguas y literaturas iberorrománicas de Europa y América, 2005, págs. 28-43

KOCH, Peter & OESTERREICHER, Wulf. Oralidade y escrituralidad a luz de la Teoria del Language. In: KOCH & OESTERREICHER: Lengua Hablada en La Romania: español, francés, italiano. Madrid; Editorial Gredos, 2007, pp. 20-42.

MARCOTULIO, L. L. Língua e História : o 2º marquês do Lavradio as estratégias linguísticas da escrita no Brasil colonial. Rio de Janeiro: Ítaca, 2010, p. 217

MARQUILHAS, R. A Faculdade das Letras. Leitura e Escrita em Portugal no Século XVII. Bragança Paulista, Editora da Universidade de São Francisco, 2003

OESTERREICHER, W. Mudança lingüística e recursos de expressividade na língua falada, In: JUNGBLUTH, KAISER, LOPES et al (eds.): Sincronía y diacronía de tradiciones discursivas en Latinoamérica, Madrid/Frankfurt a.M.: Iberoamericana/Vervuert , 2006, p. 253-281

PAGOTTO, E. G. “Norma e condescendência – Ciência e pureza”. In: GUIMARÃES, E. E ORLANDI, E.P: Línguas e instrumentos linguísticos, 3. Campinas, Pontes, 1998.

SILVA, É. N. Cartas amorosas de 1930: o tratamento e o perfil sociolinguístico de um casal não ilustre. Dissertação de Mestrado em Língua Portuguesa – Faculdade de Letras. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2012.

TARALLO, F. “Diagnosticando uma Gramática Brasileira: O Português d’aquém e d’além Mar ao final do século XIX”. In: GUIMARÃES, E. E ORLANDI, E.P. Língua e cidadania – O Português no Brasil. Campinas, Pontes, 1996.

Programas:

SANKOFF, TAGLIAMONTE E SMITH, 2000. Goldvarb X

Recebido Para Publicação em 28 de novembro de 2016.
Aprovado Para Publicação em 26 de maio de 2017.